

78 [114]

À Sereníssima Infanta de Portugal Dona Luísa,
Luísa, Josefa nascendo em dia de Reis.

Soneto

Nasceis, Infanta bela, e com ventura
Tão desigual a toda a gentileza,
Que vencendo o poder da natureza,
Venturosa fizeste à formosura.

Com tal estrela sobe a tal altura
A formosura posta em tanta alteza,
Que por nasceres pasmo da beleza,
Da pensão de formosa estás segura.

Nasceste Filha enfim da bela Aurora
Com graça singular, ventura clara,
Com estrela nasceste, ó feliz hora!

Nascer bela, e feliz é cousa rara:
Mas em ti Portugal venera agora
Uma estrela na dita, um sol na cara.

79 [115]

Na Morte da mesma Senhora ratifica o Poeta as
venturas, que promete o soneto antecedente.

Soneto

Bem disse eu logo, que éreis venturosa
Quando nascestes, com nascer tão bela,
E me lembra dizer já com cautela,
Cousa rara é ser bela, e ser ditosa.

O nascer com estrela, e ser formosa
Raro prodígio é, que mais se anela;
Mas ser na terra flor, nos céus estrela,
Só em vós foi ventura prodigiosa.

Fostes, e sois estrela enfim do Norte,
Do céu girando o Norte mui segura,
Girando sempre a tão felice corte.

Hoje lograis mais bela formosura,
Possuindo na glória dita, e sorte,
Que em ser do Céu consiste o ter ventura.

me fizera tão parente,
que fora eu seu semelhante!
Quem me vira neste instante
tão solteiro, qual eu era,
que na Ordem mais austera
comera o vosso manã!
Mas nunca direi, que lá
virá a fresca Primavera.

35 [75]

No sermão que pregou na Madre de Deus Dom
João Franco de Oliveira pondera o Poeta a fragili-
dade humana.

Na oração, que desaterra – aterra,

Quer Deus, que, a quem está o cuidado – dado
Pregue, que a vida é emprestado – estado
Mistérios mil, que desenterra – enterra.

Quem não cuida de si, que é terra – erra
Que o alto Rei por afamado – amado,
E quem lhe assiste ao desvelado – lado
Da morte ao ar não desferra – aferra.

Quem do mundo a mortal loucura – cura,
A vontade de Deus sagrada – agrada,
Firmar-lhe a vida em atadura – dura.

Ô voz zelosa, que dobrada – brada,
Já sei, que a flor da formosura – usura
Será no fim desta jornada – nada.

166 [329]

Mandando Gonçalves Soares da Franca sendo aiiii
da Estudante pedir ao poeta um livro intitulado
República Gentílica em ocasião, que ambos estavam
desfavorecidos de suas Damas, o Poeta lho mandou
com esta

Décima

Na República, Senhor,
de antigas gentilidades
achareis as Divindades
compadecidas do amor;
com que podereis melhor
desse mal, que padeceis
ter dó de mim, pois sabeis,
(que por meu mal, já se vê)
restaurar as leis da fé,
destruir do Amor as leis.

167 [330]

Resposta que mandou ao Poeta Gonçalves Soares
da Franca de repente e pelos mesmos consoantes.

Décima

Na república, Senhor,
não dessas gentilidades,
mas de vossas divindades,
trunfará o vosso amor:
com que então vereis melhor
no tenor, que padeceis,
o quanto vencer sabeis,
que muitas vezes se vê
dos erros da lei da fé,
apurar do amor as leis.

129 [434-436]

Namorou-se do bom ar de uma Crioulinha chamma Cipriana, ou Supupema, e lhe faz o seguinte

Romance

Crioula da minha vida,
Supupema da minha alma,
bonita como umas flores,
e alegre como umas páscoas.

Não sei, que feitiço é este,
que tens nessa linda cara,
a gracinha, com que ris,
a espreteza, com que falas.

O Garbo, com que te moves,
o donaire, com que andas,
o asseio, com que te vestes,
e o pico, com que te amanhas.

Tem-me tão enfeiticado,
que a bom partido tomara
curar-me por tuas mãos,
sendo tu, a que me matas.

Mas não te espante o remédio,
porque na víbora se acha
o veneno na cabeça,
de que se faz a triaga.

A tua cara é veneno,
que me traz enfeitigada

esta alma, que por ti morre,
por ti morre, e nunca acaba.

Não acaba, porque é justo,
que passe as amargas ânsias
de te ver zombar de mim,
que a ser morto não zombaras.

Tão infeliz sou contigo,
que a fim de que te agradara,
fora o Bagre, e fora o Negro,
que tinha as pernas inchadas.

Claro está, que não sou negro,
que a sê-lo tu me buscaras;
nunca meu Pai me fizera
branco de cagucho, e cara.

Mas não deixas de querer-me,
porque sou branco de casta,
que se me tens cativado,
sou teu negro, e teu canalha.